



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Graduação em Letras Português

Objeto Direto Preposicionado:
Propriedades e Usos na Língua Espanhola

ÍISIS CATHERINE SENA DE OLIVEIRA

Brasília
2016

ÍSIS CATHERINE SENA DE OLIVEIRA

**Objeto Direto Preposicionado:
Propriedades e Usos na Língua Espanhola**

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras por meio do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado/a em Letras Português.

Orientadora: Heloísa Maria M. L. Salles.

Brasília
2016

ÍSIS CATHERINE SENA DE OLIVEIRA

Objeto Direto Preposicionado:
Propriedades e Usos na Língua Espanhola

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras por meio do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado/a em Letras Português.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

Nome do/aOrientador/a

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso primeiramente a Deus e em segundo lugar à minha família que sempre me apoiou em minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha querida professora Heloísa Salles a qual, com total empenho e paciência, se dedicou a este trabalho ao meu lado. Em seguida, agradeço imensamente aos meus grandes amigos e eternos incentivadores de faculdade Ana Helena, Clara e Rainer, pois sem a presença de sua amizade e alegria minha vida acadêmica não teria tido o mesmo sentido. Por fim, agradeço às minhas amigas de jornada Isabelle e Karen por estarem ao meu lado em todos os momentos e por poderem compartilhar de mais essa vitória em minha vida.

*“Segue o teu destino
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.”*

Fernando Pessoa

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar o uso da preposição *a* como introdutora de objetos diretos na língua espanhola, utilizando-se, para isso, de alguns conceitos formulados por gramáticos e linguistas na análise das propriedades envolvidas. Para ilustrar, será investigada a manifestação desse fenômeno em período remoto da língua, sendo trazidas orações presentes no poema *Mío Cid*, que, pelos registros literários, foi a primeira obra publicada de que se tem conhecimento na língua castelhana.

Palavras-chaves: preposição, acusativo, animacidade.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objeto demostrar el uso de la preposición *a* como introductora de objetos directos en la lengua española, utilizándose, para eso de algunos conceptos formulados por gramáticos y lingüistas en el análisis de las propiedades envueltas. Para ilustrar, será investigada la manifestación de este fenómeno en el período remoto de la lengua, donde serán tratadas algunas oraciones presentes el en Cantar de *Mio Cid* que, según registros literarios, fue la primera obra pública de la cual se tiene conocimiento en la lengua castellana.

Palabras claves: preposición, acusativo, animacidad.

ABSTRACT

This work aims at demonstrating the use of the preposition a introducing direct objects in Spanish by making use of a number of concepts developed by traditional grammarians and linguists. A few sentences of the *Mio Cid* poem, which, according to literary records, is the first known document that has been published in the Castilian language, are analyzed for purposes of illustration.

KEY WORDS: preposition, accusative, personification.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO 1 – Embasamento Teórico	13
1.1 Uso da preposição <i>a</i> introdutora de objeto direto segundo Andrés Bello--	13
1.2 Uso da preposição <i>a</i> introdutora de objeto direto segundo M. Metzeltin--	16
1.3 Uso da preposição <i>a</i> introdutora de objeto direto segundo a Real Academia Espanhola	19
1.3.1 Uso da preposição <i>a</i> segundo a transitividade verbal-	26
3. CAPÍTULO 2 – Considerações particulares	34
4. CAPÍTULO 3 – A preposição <i>a</i> introdutora de objeto direto no Mio Cid -----	40
5. CONCLUSÃO	44
6. REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos considerações a respeito do uso da preposição *a* frente ao objeto direto preposicionado na língua espanhola, como ilustrado a seguir:

(1) *Vi a Pedro en el cine.*

No dado em (1), o verbo ‘ver’ seleciona dois argumentos: ‘a 1ª pessoa (eu)’ (experienciador) e o sintagma nominal ‘Pedro’ (tema), e se realiza na voz ativa como um verbo transitivo direto (VTD). No entanto, o argumento interno é introduzido pela preposição ‘a’, o que não afeta a transitividade do verbo. Como será demonstrado adiante, esse fenômeno não se resume à inserção da preposição (‘a’), já que existem requisitos para que o objeto direto seja preposicionado.

Para isso, em primeiro lugar, trazemos alguns conceitos abordados por gramáticos e linguistas na caracterização do fenômeno da marcação do objeto direto pela preposição. Em seguida, apresentamos nossas considerações sobre o tema, tendo em vista os estudos citados. Por último, apresentamos os resultados de um levantamento de dados em alguns versos do poema *Mío Cid*, que, pelo que se tem conhecimento, é o primeiro poema de que se tem registro no castelhano, a fim de mostrar que esse fenômeno, apesar de com algumas variações, já está sendo utilizado nesta fase da língua.

Em primeiro lugar, segundo registros colhidos pela Real Academia Española (2009), podemos dizer que os primeiros casos de que se tem registro de complementos diretos preposicionados com a preposição *a* são de documentos latinos da época pré-literária espanhola, em que, frequentemente, é encontrada a preposição *ad* acompanhando os acusativos de pessoa unicamente para que não houvesse confusão com os dativos. Assim,

inicialmente, se marcava a pessoa que recebia a ação ou em que o resultado da ação implicava nela.

Já na Idade Média, a presença da preposição com objetos diretos é mais uma vez reforçada diante de complementos diretos de pessoas em oposição à ausência da preposição diante de complementos diretos de coisas. No entanto, parece que tal distinção não era categórica já que ainda havia uma variação ou até mesmo hesitação no uso feito pelo menos autor em situações em que seria esperado o uso da preposição.

Segundo estudos feitos pela Real Academia Española (2009), a construção <<ad+acusativo>> teve seu auge no latim tardio e teve seu uso estendido para os complementos indiretos, primeiro pronominais (*ad mihi* por *mihi*) e mais tarde para os sintagmas nominais plenos. Entre os vários fatores que possam ter contribuído para a expansão da construção <<ad+acusativo>> está o ponto de alguns verbos que, até então, eram associados ao caso dos dativos (como, *auxiliāre* – ajudar; *servire* - servir) passarem a ser usados como transitivos diretos em espanhol. Outra possível causa que ainda se registrava no latim é a necessidade de diferenciar o sujeito e o objeto direto em posições pós-verbais.

Neste trabalho abordamos os usos do objeto direto introduzido por preposição, identificando seu desenvolvimento, pelo levantamento de dados em um texto de origem remota na língua, e também sistematizando regras para sua manifestação, mostrando que, pelo menos nas análises consultadas, ainda existem situações não descritas e dúvidas em alguns casos que fogem ao padrão.

Por fim, este trabalho tem o intuito de mostrar, mediante uma abordagem cronológica, como este fenômeno foi sendo descrito. Sendo assim, os leitores vão perceber que a análise, ao longo dos anos, adquire diferentes formatos, dependendo dos modelos de análise.

2. CAPÍTULO 1

1. 1 – USO DA PREPOSIÇÃO AINTRODUTORA DE OBJETO DIRETO SEGUNDO ANDRÉS BELLO

Neste primeiro momento, apresentamos a abordagem dada ao tema pelo não só gramático, mas também filósofo, poeta e tradutor chileno Andrés Bello. A primeira versão de sua obra *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* data de 1847, a qual passou por algumas intervenções de coautores, como Amado Alonso e Rufino José Cuervo até chegar a sua última versão de 1995.

Nosso objetivo, ao trazer esta versão aparentemente antiga do tema, é mostrar o quanto algumas explicações evoluíram ao longo dos anos. Mesmo sendo esta uma das primeiras obras com registros do fenômeno, nota-se o zelo e o rigor nas explicações ainda que “primárias”.

Em primeiro lugar, o autor afirma que a preposição *a* pode antepor em alguns momentos o acusativo em casos de personalidade e determinação.

Assim, nada mais pessoal nem determinado que os nomes próprios de pessoas, isto é, de seres racionais: todos eles levam a preposição no acusativo bem como os nomes próprios de animais irracionais, e, da mesma maneira, os apelativos que se usam como próprios de pessoas ou seres vivos:

(1) *He leído a Virgilio.*

(2) *Pedro cabalgaba a Rocinante y Juan al Rucio.*

Conforme o autor bastaria somente à personalidade para que levem a preposição em todo nome próprio que carece de artigo, da mesma maneira ocorrerá diante de acusativos personificados de *alguien*, *nadie* e *quien*:

(3) *Deseo conocer a Sevilla.*

(4) *Necesito a alguien que sepa más de alemán.*

Para que haja o uso da preposição é suficiente que a determinação da pessoa exista com respeito ao sujeito, do contrário, não será exigida a presença do determinante. No exemplo que segue, quando se determina o criado é porque estamos esperando um tipo certo, contudo, quando retiramos a preposição, sua determinação passa a ser indiferente:

(5) *Aguardar a un criado.* - específico.

(6) *Aguardar un criado.* – não específico.

É uma consequência de a regra anterior omitir a preposição com os apelativos de pessoas que não são precedidos de nenhum artigo, como por exemplo:

(7) *Es preciso que el ejército tenga oficiales inteligentes.*

Os apelativos de pessoas que somente se usam para designar empregos, graus, títulos, dignidades, não levam a preposição:

(8) *El presidente eligió los intendentes y gobernadores.*

O autor também traz a questão do verbo *haber*: no entanto, ainda não fala da situação do verbo *tener*, que também é de extrema importância. Com o primeiro verbo, Bello mostra que, na presença deste, nunca haverá a preposição *a*, mesmo que o verbo esteja diante dos pronomes *alguien*, *nadie* e *quien*– note-se que em (9) o argumento realizado pelo pronome indefinido é introduzido pela preposição *para*:

(9) *Hay hombres que para nada sirven.*

(10) *Alguien hay que nos escucha*

Os apelativos de coisa não costumam ser acompanhados pela preposição, por mais determinados que sejam (conforme (11)). Contudo, os verbos que significam ordem, como *preceder*, *seguir*, parecem fugir a essa regra. Devemos, nesses casos, saber que o que orienta esse tipo de verbo é realmente um dativo e não um acusativo (conforme (12)):

(11) *Cultiva sus haciendas.*

(12) *La primavera precede al estío.*

É observado que a construção passiva de particípio não é uma prova fiel de que o complemento que tenha passado a sujeito fosse precisamente acusativo.

Continuando as situações com objetos inanimados, estes serão personificados com a utilização da preposição *a* no acusativo quando forem determinados, o que pode se estender ainda aos casos em que a ideia de pessoa se deduz obscuramente, como quando aplicamos às coisas os verbos que tenham mais frequente por acusativo um ser racional ou pelo menos animado. Assim, podemos ter uma situação como a que segue:

(13) *Llamar a la muerte.*

Já por outro lado, afirma Bello, os verbos cujo acusativo é com frequência utilizado para coisas, podem não reger a preposição quando lhes damos por acusativo um nome apelativo de pessoa. Veja a seguir que a expressão não poderá ser utilizada para nomes próprios:

(14) “La escuela de la guerra es la que forma los grandes capitanes”.

Por fim, percebe o autor traz a questão da semântica como um dos pontos fundamentais para a ausência ou presença da preposição em alguns casos. No entanto, as explicações são básicas e focam essencialmente na questão da personificação dos objetos. Mesmo com essa ideia de personificação ou de se fazer existir vida onde não existe, ou a mera

materialidade onde existe vida ou pessoa, o autor recomenda que não é desejável colocar limite na imaginação do que fala ou se escreve, já que o que se tem é um momento de comunicação único, e o contexto semântico traz uma verdadeira carga de significados que devem ser levados em consideração quando estamos analisando determinado uso.

Nessa observação, está presente uma visão que, embora no quadro tradicional, antecipa um olhar científico sobre o fenômeno, que posteriormente será ressaltado pela linguística, que é o de validar o uso. Nesse sentido, o gramático é responsável por codificá-lo e sistematizá-lo, não lhe cabendo estabelecer juízo de valor.

1.2 - USO DA PREPOSIÇÃO INTRODUTORA DE OBJETO DIRETO SEGUNDO M. METZELTIN

Nesta seção, o fenômeno será abordado segundo Metzeltin (1990), um catedrático da Linguística e Didática das Línguas Românicas que teve seu trabalho consolidado na Universidade de Viena. Tendo os estudos românicos como base, suas pesquisas se concentram na tipologia linguística, na teoria textual e na análise do discurso. Acreditamos que, por adotar uma abordagem pragmática do tema, a obra *Semántica, pragmática y sintaxis del español*, de 1990, pouco acrescenta aos conceitos já disponíveis. Ainda assim, entendemos ser relevante para a presente discussão, por detalhar os aspectos semânticos e pragmáticos.

O interessante nesta conceitualização é que o autor coloca alguns contra-argumentos mas não explica o porquê de existirem essas exceções. Acreditamos que tenha pesado muito nessa questão o fato de ter sido uma das primeiras obras, juntamente com o autor citado anteriormente, a tratar do assunto. Talvez a intenção do autor, ao trazer esses contra-argumentos, seja que futuros interessados no tema possam explicá-los.

Segundo o linguista, o uso da preposição *a* diante do complemento direto pode depender de seu estatuto quanto a ser uma pessoa ou coisa. O estudo dos sintagmas do tipo [verbo + complemento direto substantival] usado no número 1090 do *El País* de 7 de novembro de 1979 permitiu estabelecer a seguinte estatística:

a.	verbo + <i>a</i> + complemento direto de ‘pessoa’:	89
b.	verbo + complemento direto de ‘pessoa’	17
c.	verbo + <i>a</i> + complemento de ‘coisa’	55
d.	verbo + complemento direto de ‘coisa’	1586

Tabela 1

Destas cifras podemos deduzir que a preposição *a* tende a aparecer diante de complementos diretos que indicam “pessoa” e tende a não aparecer diante de um complemento direto que indica “coisa”. Um exame mais atento destas tendências leva às seguintes especificações: Quando o complemento direto substantival indica uma pessoa ou um grupo de pessoas tende-se a utilizar a preposição *a*:

- Se o substantivo é um nome próprio:

(15) *Se designa presidente a Juan Peres como el beneplácito de Estados Unidos.*

- Se o substantivo é um nome apelativo precedido do artigo determinado, de um possessivo ou de um demonstrativo:

(16) *Conozco a la dueña, una americana, una californiana.*

(17) *A partir de este momento, la CMT deberá consultar a sus organizaciones afiliadas.*

- Não se utiliza a preposição *a* antes do complemento direto de pessoa em casos em que o substantivo é um nome apelativo indeterminado (e possivelmente a pessoa é considerada como uma coisa):

(18) *Mientras tanto había que sufrir dolores fortísimos por no tener un médico que nos lo hiciera en las debidas condiciones sanitarias.*

(19) *El presidente espera agrupar uno, dos o tres millones de personas.*

A preposição ‘a’ também é dispensada se o substantivo, ainda que determinado, é seguido de um complemento indireto ou locativo introduzido pela preposição *a*:

(20) *Dado que posteriormente la impulsiva muchacha le quita el amantea su mejor amiga.*

Quando o complemento direto substancial indica uma “coisa” podemos utilizar a preposição *a*, quando:

- o substantivo indica um espaço habitado:

(21) *Porque la verdad es que yo a Madrid lo amo como a la niña de mis ojos.*

Diante de complementos diretos que dependam de verbos como *acorrallar*, *ayudar*, *coadyuvar*, *culpar*, *reemplazar*, *rodear*, etc. que se referem em muitos casos a pessoas podendo aparecer a preposição também diante de substantivos que indicam feitos não facilmente personificados:

(22) *Vencer a la enfermedad.*

Por último, o autor traz uma série de verbos que, neste momento, ainda são casos conflitantes por falta de estudo na área, como exemplo, os complementos diretos preposicionados dos verbos como *acelerar, aislar, arrastrar, considerar, embestir, encerrar, favorecer, orientas, tocar*:

(23) *El criterio que orientará a dicha educación.*

(24) *Considerando a la democracia no solamente como una estructura jurídica y un régimen político.*

(25) *Las concesiones buscan la liberación del régimen sin tocar a la Constitución.*

Nesses casos, como se pode constatar, as restrições citadas quanto à personificação e determinação não se aplicam.

1.3 - USOS DA PREPOSIÇÃO AINTRODUTORA DE OBJETO DIRETO SEGUNDO A REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

Por fim, e como obra mais recente e completa que se encontra sobre o assunto, apresentamos a abordagem do fenômeno na *Nueva Gramática de la Lengua Española* da Real Academia Española. Sua última versão data de 2009. Além de sua idealização ter sido realizada com a ajuda de vários gramáticos não só espanhóis, o que influencia muito na realização de um trabalho completo, principalmente quando se trata de uma situação em que existem tanta variação linguística, por um lado, e tantas variedades linguísticas, como esta verificada para a língua espanhola no mundo atual.

Em primeiro lugar, de acordo com esta obra, existe certa relação entre as construções de acusativo preposicional e de tópico inicial, as chamadas *deslocadas*. Basicamente, se

tentamos topicalizar o complemento direto como na oração a seguir, teríamos uma variante preposicionada:

(26) *Las instituciones preceden siempre los descubrimientos.*

(27) *A los descubrimientos los preceden siempre las instituciones.*

Sua não marcação pela preposição *a* seria agramatical no espanhol moderno:

(28) **Los descubrimientos los preceden siempre las instituciones.*

Existem três fatores que podem nos auxiliar na marcação do objeto direto preposicionado. Entre os três fatores mais tratados pelos gramáticos, estão, sem dúvida, a animacidade, a personificação e o que chamamos de fator de definição. Importante destacar que o grupo nominal que dá o fator de definição deve receber ou não interpretação específica, ou seja, deve sempre mencionar ou não pessoas ou coisas particulares que o falante ou o ouvinte possa identificar para que desta maneira seja, de fato, especificado.

Falando primeiramente da questão da animacidade, parece estranho que um nome próprio de pessoa em função de objeto direto seja construído sem a preposição *a*:

(29) *Vi a María.*

(30) *Vi María.*

Contudo, na língua atual, é possível ver construções de grupos nominais de pessoas sem a preposição *a* na função de objeto direto, como em:

(31) *Nunca había visto unas chicas tan guapas como sus hermanas, Julia y Daniela.*

No entanto, neste caso, a escolha do verbo *ver* é também um fator relevante, que irá contribuir para a ausência da preposição, já que, neste momento, prevalece a propriedade de o

verbo ser transitivo direto, não necessitando a presença de uma preposição. Assim, podemos ver que não existe uma hierarquia entre os fatores contribuintes, mas sim um conjunto deles que podem ser considerados pertinentes.

A preposição *a* também pode aparecer diante de pronomes pessoais tônicos, interrogativos, exclamativos, relativos e alguns indefinidos se estes denotam pessoas e exercem a função de objeto direto. Os pronomes pessoais tônicos que podem exercer essa função devem aparecer sempre em construções duplicadas, como por exemplo:

(32) *La vi a Ella.*

(33) **Vi a Ella.*

(34) **Vi Ella.*

Interessante que a segunda construção (exemplo número 34) ainda estava presente no castelhano antigo. Contudo, hoje, tal formação é agramatical, pois mostra que, no espanhol, o verbo não pode marcar diretamente os pronomes pessoais como complementos e sim “indiretamente”, por meio de uma preposição. Assim, um pronome pessoal do caso reto não é encontrado na posição de objeto direto em uma oração no espanhol moderno.

Os pronomes indefinidos que denotam pessoas também exigem a presença da preposição:

(35) *A nadie obligaremos.*

(36) *No obligares a nadie.*

(37) **No obligaremos nadie.*

São exceções os indefinidos *uno, alguien* y *alguno* nos complementos de certos verbos, como em

(38) *Nunca he visto alguien así.*

Os interrogativos e os exclamativos exigem a preposição, como por exemplo:

(39) *¿A quién buscan ustedes?*

(40) **¿Quién buscan ustedes?*

O relativo *quien* é bem semelhante ao interrogativo *quién*, como em:

(41) *Solo podemos medir el dolor por la pérdida de alguien a quien amamos o conocimos.*

Contudo, em expressões em que temos uma relativa sem antecedente exposto, o pronome não ocorre anteposto por uma preposição. Vejamos o exemplo: nele, diferentemente da oração anterior, não temos um pronome que retoma um termo referido anteriormente:

(42) *No encuentro quien me ayude.*

Outra exceção é quando o relativo *que* se refere a pessoa e exerce a função de objeto direto. Nesse caso a preposição não ocorre:

(43) *Las personas {que - *a que – a las que} amamos.*

Já os relativos completos *el que/la que/ los que/ las que* se assemelham à situação do pronome relativo *quien*, que virá com a preposição *a*, caso a semântica traga a ideia de retomada de um antecedente:

(44) *Luis es la persona {a la que - *la que - que} vi.*

Com nomes próprios de pessoas que se usam metonimicamente se costuma manter a preposição, como por exemplo, quando falamos do autor para fazer referência a sua obra:

(45) *Traducir a Platón, interpretar a Haydn, ler a Cervantes.*

Contudo, em linguagem específica de música, normalmente se omite a preposição diante de complementos diretos dos verbos *tocar*, *interpretar*, *dirigir* e outros verbos similares, quando se designa a obra por meio de seu compositor como, por exemplo:

(46) *Tocar Mozard, dirigir Beethoven, ou interpretar Wagner.*

Na parte da obra que trata dos verbos, a obra discorre sobre a regência de alguns e como essa propriedade influencia na variação entre ausência e presença da preposição. Verbos como *designar*, *elegir*, *nombrar*, *votar* e outros similares admitem alternância na presença e ausência da preposição, já que seu complemento direto pode designar um indivíduo, mas também um cargo ou um posto:

(47) *Elegimos al presidente de Colombia.*

(48) *Se le anularon aproximadamente 35000 votos disminuyendo su representación en el congreso que deberá elegir el próximo presidente de la república.*

De acordo com os autores, é muito difícil encontrar grupos nominais em singular na função de objeto direto que se construam sem a preposição, como no exemplo abaixo, onde se fala em buscar por certo tipo de mulher. Contudo, vemos que existem elementos que especificam o objeto, fazendo com que se anule a especificação dada por uma preposição. Assim, em espanhol, adjetivos como *adecuado*, *ideal*, *modélico* ou *perfecto*, por trazerem essa especificação, anulam a presença da preposição:

(49) *Estoy buscando la mujer de mi vida.*

(50) *Es imposible encontrar el político perfecto*

Outro ponto que devemos mencionar é a chamada “interpretação de tipo”. Verbos transitivos de causa, como, por exemplo, *causar*, *dejar*, *ocasionar*, e *producir*, admitem complementos diretos de pessoas, mas descartam a marcação da preposição *a*, como em:

(51) *El cantante produjo una ola de tristeza en todo el público.*

Normalmente não existe a presença da preposição com nomes de empresas, corporações, instituições e outros tantos agrupamentos empresariais. No entanto, pode haver a presença da preposição *a* nestes casos, especialmente se o verbo expressa uma ação que ocorre sob intervenção de seres animados, como por exemplo:

(52) *Si yo defiendo a una empresa.*

Como mencionado, os processos de “personificação” costumam acontecer com predicados cuja ação demonstrada deveria ser realizada por um objeto animado, uma pessoa, por exemplo (*llamar, abrazar, recibir*). Tais predicados são os que dão maior frequência ao contraste entre “presença *versus* ausência” da preposição, visto que a falta da animação contribui para deixar algumas dúvidas. A presença da preposição com os substantivos que designam coisas personificadas é frequente quando os verbos implicam a formação de juízo de valor relativo à suposta responsabilidade de alguém, como: *acusar, culpar, excusar, inculpar, juzgar*, etc, como, por exemplo:

(53) *Acusar a la tormenta de un naufragio.*

Como explicado, os grupos nominais de pessoas que são marcadas pela preposição *a* normalmente são construídos com sintagmas nominais determinados, específicos ou próprios. Contudo, existem algumas exceções a esta generalização. Em primeiro lugar, os substantivos sem determinante podem se tornar um objeto direto preposicionado se sobre eles recaírem algum modificador que permita caracterizar adequadamente a que tipo de classe estamos procurando:

(54) *La Universidad debe formar a investigadores cualificados.*

Em segundo lugar, os grupos nominais coordenados são admitidos nesta situação, ainda que seus componentes careçam de determinantes, como por exemplo:

(55) *El trópico desgasta a hombres y mujeres.*

Em terceiro lugar, se admite a presença de *a* diante de substantivos sem determinante, mas na presença de certos verbos transitivos construídos com um complemento predicativo (destacado em negrito) que se segue ao complemento direto (destacado sublinhado):

(56) *Había visto a soldados **reponerse de peores heridas**; lo vendaría y en la mañana no se acordaría del disparo.*

Assim, as três exceções mencionadas trabalham na mesma direção: os complementos diretos preposicionados são grupos nominais DETERMINADOS, no sentido de que contêm informação suficiente para identificar indivíduos ou grupos de pessoas ou coisas, mas não são necessariamente grupos nominais COM DETERMINANTE.

Como foi explicado, os grupos nominais definidos que exercem a função de objeto direto são construídos com a preposição *a* se designam pessoas. No entanto, como também foi mencionado anteriormente, os grupos nominais que designam tipos de indivíduos podem omitir a preposição. Essa é uma variação que até hoje vemos presente na língua espanhola, tal alternância entre presença ou ausência da preposição nestas situações ainda é possível:

(57) *Buscaba un amigo - Buscaba a un amigo*

Acreditamos que a existência ou não da preposição nestes casos se define no nível da semântica, distinguindo a interpretação específica e não específica do grupo nominal. Podemos ter uma especificidade, por exemplo, quando falamos de certa pessoa em particular que o falante ou ouvinte poderá identificar.

(58) *Dijo por fin que se llamaba José Antonio y que buscaba a un amigo perdido en aquel bosque.*

Contudo, se não temos a intenção de especificar o grupo nominal, ou melhor, se estamos tratando de um elemento hipotético, não precisaremos de um determinante:

(59) *Lo suyo era matrimonio; buscaba un hombre que se enamorara de ella y se casara por amor.*

No entanto, conforme observado na obra, o próprio conceito de “(não) especificidade” não é suficiente para interpretar a todos os casos. Por este conceito, não se poderia explicar a presença da preposição *a* em frases como a que segue, já que para tal não é preciso supor que o falante ou ouvinte saibam de quem estamos falando – embora se possa asseverar sua existência.

(60) *Meursault también hubiera sido castigado por haber matado a un hombre.*

Assim, a presença ou ausência da preposição nos grupos nominais indefinidos em função de objeto direto depende largamente de estas expressões receberem ou não interpretação específica, no sentido de que façam ou não referência a indivíduos identificáveis ou reconhecidos, mas nem sempre essa regra se sustentará. Conforme observado, a leitura existencial, em oposição à genérica, pode ser um fator determinante do uso da preposição. Por sua vez, nominais genéricos com modificadores e em estrutura de coordenação podem ser marcados pela preposição *a*, o que vem confirmar a complexidade do fenômeno.

1.3.1 Uso da preposição *a* segundo a transitividade verbal.

De fato o fenômeno é complexo e ainda que os estudos sobre o objeto direto preposicional abordem a questão de muitas diversas perspectivas, parece existir certo acordo entre os autores na conveniência de considerar as classes semânticas em que se podem agrupar os predicados. Pelo que depreendemos das análises, do ponto de vista da transitividade verbal, é possível dividir os verbos transitivos em três grandes grupos:

- a. Verbos transitivos que exigem a preposição quando são construídos com objeto diretos de pessoas.
- b. Verbos transitivos que dispensam a preposição quando se constroem com objetos diretos de pessoas.
- c. Verbos transitivos compatíveis com a preposição quando se constroem com objetos diretos de pessoas.

Nos verbos do grupo A destacamos especialmente os que alternam os complementos diretos com os indiretos. Nesta situação, temos contrastes como o que segue, em que é utilizado o verbo *ayudar* no sentido de ‘atender’.

(61) *Teníamos que ayudar *muchos /a muchos enfermos*

No espanhol europeu, mais do que no espanhol da América, alternam-se o complemento direto e preposicionado com *amenazar*, *insultar*, *saludar* e com outros verbos que podem ser caracterizados como envolvendo o verbo de apoio junto com um substantivo (*hacerun saludo*, *lanzar una amenaza*, etc). Tais verbos exigem igualmente a preposição com os grupos nominais definidos:

(62) *Se volvió un periodista famosos por insultar *los/ a los políticos.*

A este primeiro grupo de predicados também podemos incorporar os verbos de afeição. Alguns destes verbos alternam os complementos diretos e os indiretos (*lo asustaba o*

la asustaba por *Le asustaba*) e exigem igualmente a preposição *a* nos contextos mencionados.

Obtêm-se assim contrastes como:

(63) *Esas películas asustan *muchos/ a muchos niños.*

Contudo, é normal omitir a preposição em orações como as descritas no exemplo (64) a seguir, como também é normal se omitir a preposição nos grupos nominais definidos equivalentes a estes. No entanto, não é somente a alternância de dativos e acusativos na regência desses verbos o fator que caracteriza o grupo, mas sim que grupos nominais formados por *aborrecer*, *amar*, *detestar* ou *odiar* são obrigatórios no uso da preposição.

(64) *Yo odiaba a cualquier ser humano que comiese en mi presencia*

O grupo B é o menos estudado de todos e também o mais reduzido. Nele estão os verbos de causa, como no exemplo (65), a seguir. Além do verbo *producir*, também *pedir*, *demandar* ou *solicitar* formam parte desse grupo. No entanto, percebemos que, em orações como a do exemplo (66), o objeto direto preposicional permanece:

(65) *La crisis producirá (*a) miles de desocupados.*

(66) *Solicitamos a un juez determinado para cierto puesto.*

Pertencem também a este segundo grupo os predicados existenciais *haber* e *tener*, que estão sujeitos ao chamado efeito de definição/ definitude. O primeiro verbo é incompatível com a preposição em todos os contextos, como no exemplo (67). Já o verbo *tener* também rechaça a preposição em quase todos os contextos, salvo quando trazer o significado de “dar a luz”, presente no exemplo (68) a seguir, ou quando for semanticamente compatível com a construção de apresentação encabeçada por complementos locativos, como no exemplo (69). Por fim o verbo *tener* também poderá variar entre o uso ou não da preposição *a* diante do objeto direto quando trazer a ideia de enumeração, presente no exemplo (70):

- (67) *Hay (*a) muchas personas interesadas.*
- (68) *Cuando Lola tuvo a su tercer hijo.*
- (69) *Aquí tenemos aun joven delincuente.*
- (70) *Tenemos (a) varios profesionales trabajando en ello.*

O grupo C é o mais polêmico dos três. Não o é só pelo fato de os fatores que intervêm sejam sintáticos, semânticos e discursivos, mas, especialmente, porque os limites entre estes três tipos de fatores de variação até o momento não foi estabelecido com nitidez. Neste grupo, se comprova que os casos mais nítidos estão representados pela distinção entre presença vs ausência de preposição, que se pode associar com diversas acepções dos verbos, como no exemplo que temos a seguir, em que ambos são igualmente passíveis de interpretação:

- (71) *Distinguir un hombre (percebe-lo) e distinguir a un hombre (honra-lo).*

Alguns verbos de criação, como *dibujar*, *esculpir*, *fotografar* ou *pintar*, admitem duas interpretações, já que seu objeto direto pode designar a fonte de onde se extrai a imagem ou a imagem mesma resultante da reprodução. A ausência da preposição *a* está mais ligada à segunda opção de interpretação, sobretudo com os grupos nominais indefinidos, enquanto sua presença favorece a interpretação no primeiro sentido, como nos exemplos que seguem abaixo. No exemplo (72) vemos que a ausência da preposição dá margem para que o objeto direto seja interpretado como uma coisa e não uma pessoa. Assim, a presença da preposição só seria possível se houvesse uma sentença adversativa que demonstrasse a animacidade do objeto logo a seguir, como no exemplo (74), em que sua presença será imprescindível:

- (72) *Dibujé una niña.*
- (73) *Dibujé a una niña.*
- (74) *Dibujé a una niña, pero no se estaba quieta.*

Nos grupos nominais construídos com quantificadores indefinidos no plural e sem preposição se enfatiza geralmente o número de indivíduos, como no exemplo (75). Se utilizarmos a variante preposicionada damos margem à interpretação distributiva de elementos, ou seja, a uma interpretação segundo a qual o predicado se aplica a cada um dos elementos que compõem um determinado grupo, como o exemplo (76) pode ilustrar:

(75) (...) *Pero perdíamos muchos guerreiros.*

(76) *Perdíamos a x, a y, a z, etc.*

Partindo desse pensamento, podemos concluir que a ausência da preposição com esses verbos pode trazer não mais a ideia de distribuição, mas sim de quantificação, como no exemplo (77), assim como também é esperada a ausência da preposição em verbos que tragam o sentido de congregar, como o verbo *concentrar*, salvo quando este tiver a ideia de concentrar membros de uma equipe, por exemplo:

(77) *Ayer, en solo quince minutos, **conté** noventa hombres y treinta y dos mujeres que fueron de izquierda a derecha.*

(78) *El técnico blanquiazul **ha concentrado** a diecisiete jugadores.*

Devemos ter em conta, no entanto, que, na medida em que os grupos podem também se individualizar, é possível considerá-los gramaticalmente como entidades particulares, o que permite dar sentido a contrastes.

Aproveitando que estamos falando da regência de alguns verbos, é fato que a natureza destes influencia muito na presença ou ausência de uma preposição, ou seja, sua natureza ativa é de extrema relevância. Vejamos a seguir exemplos com o verbo *ocultar*. No primeiro exemplo, o verbo não é estritamente um verbo de ação, mesmo quando significa “encerrar,

encobrir”. No entanto, no segundo exemplo, o verbo *ocultar* designa a ação de manter oculto ou sendo assim, usamos a preposição, pois temos, de fato, uma ação presente na sentença.

(79) *Muchos seudónimos ocultan un delator.*

(80) *Durante la guerra había ocultado a un delator.*

Também estão relacionados com esses contrastes os verbos *controlar*, *dominar*, *vigilar* e outros semelhantes quando se constroem com certos nomes coletivos. Foi observado que a presença da preposição em pares como *controlar (a) la asociación* ou *vigilar el/al club* sugere uma interpretação mais ou menos ativa desses verbos.

Assim, a presença ou ausência da preposição também pode estar relacionada ao grau variável que se pode dar aos processos de personificação já exposto anteriormente. Cabe pensar que a eleição da preposição nos dados a seguir acentua o processo de personificação e, portanto, o grau de animacidade, enquanto sua retirada contribui para uma interpretação em que estamos apenas falando de algo inanimado:

(81) *Es difícil parar (a) un tren en marcha.*

(82) *Atacar (a) los aviones.*

(83) *Bombardear (a) las ciudades costeras.*

Como última definição dada pela *Nueva Gramática de la Lengua Española*, temos o uso distintivo da preposição *a*, ou seja, o emprego desta preposição para diferenciar o objeto direto de outros complementos do verbo, em especial do sujeito, ainda que não unicamente deste.

Foram sugeridas diversas explicações para esses contrastes. Alguns autores consideram que a presença da preposição poderia estar relacionada com o fato de que o complemento direto é na verdade o *sujeito de predicación*, no sentido de que designa a

expressão de que se predica. A presença da preposição estaria vinculada, desse ponto de vista, ao papel de participante ativo assumido pelo complemento direto. Outros autores entendem que a marca sintática da preposição está relacionada com a identificação do objeto direto, já que não se pode identificar o sujeito da relação predicativa: a preposição contribuiria para individualizar este elemento. Finalmente, outros ainda sugerem que a presença de mais de um complemento verbal é suficiente para induzir (ainda que optativamente) a marca distintiva do complemento direto.

O uso distintivo da preposição *a* como marca de objeto direto está restrito a uma série não muito extensa de predicados. Cabe mencionar, em primeiro lugar, os que designam ações ou situações que requerem o concurso de várias pessoas ou coisas, como *acompanhar*, *juntar*, *separar*, *unir* e outros semelhantes. São frequentes, de fato, alternâncias como as seguintes:

(84) *Seymour tuvo que aguantar el monólogo hipocondríaco y tristón que acompañaba la caída del día.*

Formam outros grupos os verbos que fazem referência à extensão ou compreensão de algo, como *abarcar*, *compreender* ou *contener*.

(85) *El eje magnético es la recta que pasa por el centro de la esfera terrestre y que contiene a los polos magnéticos.*

Semelhante ao anterior, o grupo dos verbos que expressam ordenação relativa, como *preceder* ou *seguir*, ou bem comparação ou contraste, como *comprar*, *exceder*, *igualar* ou *sobrepasar*. Como por exemplo:

(86) *Los últimos rayos de luz intentaban atravesar, sin éxito, la bruma que precedía la puesta del sol.*

Outro uso de distinção da preposição *a* é em formas de contrastes entre elementos equiparáveis. É bem estranho, por exemplo, o uso de preposição no exemplo (62) que se segue, no entanto, quando fazemos uma comparação desta primeira sentença com outra subsequente, resulta ser mais compatível o uso da preposição, como no exemplo (87):

(87) *Detesto a los lunes.*

(88) *Detesto los domingos, incluso más que a los lunes.*

Por fim, alguns verbos podem ter complementos diretos e indiretos de pessoa simultaneamente. Nesse caso, não é um problema o uso de preposição nos objetos diretos, como no exemplo que segue:

(89) *Recomendar a una persona [compl. Direto]a otra[compl. Indireto] .*

Não é comum esse tipo de construção quando ambos os complementos estão representados por nomes próprios, apesar de aparecerem ocasionalmente em alguns textos literários. Ainda que a aplicação recomendasse tradicionalmente evitar a preposição antes do objeto direto nestes casos, ele acabou sendo colocado, tanto com os nomes próprios como com os comuns:

(90) *Di a Diana a Don Sancho porque loco/ con desigual amor, ofensa hacia/ a mi palabra.*

3. CAPÍTULO 2

O COMPLEMENTO DIRETO PREPOSICIONADO: USOS PARTICULARES.

Neste capítulo, convidamos o leitor a fazer um breve balanço sobre o que vimos até o momento, após as observações feitas a partir dos três estudos apresentados. Acreditamos que, entre os registros, é evidente associar o fenômeno a certa progressão, no que se refere ao processo de sistematização das regras ao longo dos anos. Interessante ver como os conceitos evoluíram desde a abordagem feita por Metzeltin até os últimos registros mais pontuais feitos a partir das coletas da Real Academia Española. Entre os resultados alcançados, vale a pena destacar que os motivos para a marcação do objeto direto pela preposição não se dão por haver hierarquia entre as regras, mas sim por uma atuação articulada e complexa das mesmas, em que cada uma contribuirá para que haja ou não o registro da preposição em cada caso.

Em primeiro lugar, sobressai-se o fato de que, em uníssono, a questão da presença de um objeto direto personificado dá total margem para que o objeto seja determinado, ainda mais se tal objeto, além de ser animado, é realizado por um sintagma nominal pleno, com nome próprio.

A presença da preposição também pode determinar a existência de certa particularização e determinação, mesmo que o objeto não seja um nome próprio, ou seja, ao colocarmos uma preposição diante de um objeto animado estamos particularizando este objeto e diferenciando-o dos demais, como no exemplo que segue:

(91) *Busco un profesor*

(92) *Busco a un profesor que sea bueno en portugués, (especificidades).*

No entanto, tal regra é suspensa quando é necessário que se suspenda certa ambiguidade, quando, por exemplo, o sujeito e o complemento direto, ambos sendo inanimados, podem ser permutados, como no exemplo (93):

(93) *La virtud vence al vicio.*

É importante notar que, em (93), os nomes ‘virtud’ e ‘vicio’ são apresentados como entidades abstratas, que não se submetem a uma distinção baseada na especificidade, pois são interpretadas como conhecidas e válidas em qualquer situação. Portanto, são introduzidas como sintagmas nominais definidos, prevalecendo, portanto, o critério que recorre à marcação morfossintática pela preposição como forma de determinar o estatuto sintático de cada uma na oração (como sujeito ou objeto).

A presença ou ausência da preposição depende também da natureza semântica do verbo. Assim, verbos como *ayudar* ou *servir*, que exigem a preposição *a*, trabalham juntamente com outros verbos que não exigem a presença desta preposição, como os verbos existenciais *haber* e *tener*, em que ocorre o efeito de definição/ definitude, em que a escolha da preposição depende de fatores independentes. Assim, a presença ou ausência da preposição depende também da regência do verbo, como vimos nos registros feitos pela Real Academia Española, que nos mostra, por exemplo, os verbos de afeição, que sempre vão exigir a presença da preposição em orações que se constroem com o verbo *assustar*, que segue abaixo:

(94) *Estas películas asustan (*muchos – a muchos) espectadores.*

Existem situações em que alguns verbos têm complementos diretos e indiretos de pessoas simultaneamente. Nestes casos, a presença da preposição diante do complemento direto não ocorrerá, salvo em alguns casos como o ilustrado no exemplo (95). No entanto,

nesta situação, acreditamos que a presença do pronome possessivo também contribui para que a marcação do determinante frente ao objeto direto continue presente:

(95) *Fue él quien le presentó a mi madre a Nicolás.*

Outro ponto importante a ser destacado é a presença dos pronomes, sejam eles pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos e salvo alguns relativos. É fato que sua presença implicará no uso da preposição *a*, como se depreende dos exemplos a seguir:

(96) *No creo que a ustedes los escuchen.*

(97) *Llévate a alguien a la fiesta*

(98) *¿A quién buscas?*

Da mesma forma não a preposição *a* ocorre diante de nomes comuns que designam objetos inanimados ou qualquer nome comum que careça de certa determinação. No entanto, é importante destacar que, em alguns casos, quando o complemento está formado por dois substantivos coordenados, ainda que não precise da determinação, ela será feita para que haja a diferenciação:

(99) *El público silbó a árbitros y jugadores.*

Por fim, como mencionado, também não é observado o uso da preposição diante de verbos de causa como no exemplo (100), que se segue, bem como com verbos que denotam a solicitação de algo, como *solicitar*, *pedir*, *demandar* e por último e mais importante, os verbos que possuem o chamado efeito de definição/ definitude, ou seja, verbos *haber* e *tener*, pois, já em seu próprio sintagma está todo o centro de especificação e determinação do sintagma verbal, por meio da expressão locativa, o que exclui o uso de mais uma estratégia de marcação da definitude, como mostra o exemplo (101). É importante sempre destacar que o

verbo *tener* poderá exigir eventualmente o uso da preposição *a* quando este tiver o sentido de “dar a luz”, como mostra o exemplo (102), mas nesse caso, não se trata de um predicado existencial, mas de um predicado transitivo.

(100) *La crisis producirá miles de desocupados.*

(101) *Hay muchas personas interesadas/ *Hay a muchas personas interesadas.*

(102) *Tener a un hijo es una alegría inmensurable.*

Interessante ver que em nenhum momento foi citada a questão dos nomes próprios de cidades e países. Anteriormente, era feita a marcação deste tipo de sintagma como a de um nome próprio de pessoa, mas, no castelhano moderno, essa marcação caiu em desuso. No entanto, quando a referência a um nome de lugar (topônimo) envolve uma quantificação, é observada a marcação do sintagma nominal pela preposição, conforme ilustrado nos exemplos que seguem:

(103) *No conozco Francia.*

(104) *Es capaz de engañar a media Italia.*

Acreditamos que, entre os estudos levantados, não consta referência aos objetos indiretos reduplicados e sem reduplicação, que influenciam na presença ou ausência da preposição no objeto direto de pessoa. Segundo Borges (1999), os complementos indiretos dos verbos ditos de transferência podem aparecer reduplicados por um pronome clítico, como se observa nos exemplos que se seguem. Podemos verificar a diferença existente entre eles, no que se refere à interpretação aspectual. A presença do clítico traz uma ideia de culminação do evento que expressa o verbo, conforme (106):

(105) *Juan escribió una carta a su novia.(durante cinco horas)*

(106) *Juan le escribió una carta a su novia.(? durante cinco horas).*

Assim, ainda segundo o autor, quando não existe a presença deste clítico, a ordem dos complementos tende a ser direto > indireto, ou seja, de acusativo, para dativo. Contudo, quando este clítico não aparece, os complementos podem aparecer em qualquer ordem, como nos exemplos a seguir:

(107) *Juan le dio el libro de inglés a María.*

(108) *Juan le dio a María el libro de inglés.*

Sendo assim, talvez a presença da preposição *a* possa ser omitida ante o complemento direto de pessoa para evitar confusão com o complemento indireto:.

(109) *Presentaron la hija a los invitados.*

(110) *Dieron la niña a una madre adoptiva.*

No entanto, veja-se que, quando o clítico aparece reduplicando o objeto indireto, não podemos omitir a preposição *a* diante do complemento direto de pessoa, conforme ilustrado em (109a/ 110a): *Le presentaron *(a) la hija a los invitados/Le dieron *(a) la niña a una madre adoptiva*. Tal fato traz uma nova visão sobre a exigência de os objetos diretos de pessoas serem preposicionados (ou não), o que, dependendo da situação descrita, nem sempre será uma regra.

Por fim, a ressalva que fazemos sobre o ponto de vista exposto pela Real Academia Española é com relação aos verbos que têm complementos diretos e indiretos de pessoas simultaneamente. Normalmente, é evitado o uso da preposição antes do objeto direto, no entanto. Existe também a possibilidade de se colocar preposição também no objeto direito,

tanto com nomes próprios como com nomes comuns. Os exemplos dados pela referida obra tratam de verbos de apresentação, como *apresentar*, *convidar* e não falam sobre a questão de verbos bitransitivos *dar*, *entregar*. Consideramos que essa questão deve ser retomada em estudo futuro.

4. CAPÍTULO 3

ESTUDO DE CASO: A PREPOSIÇÃO A INTRODUTORA DE OBJETO DIRETO NO *MIO CID*

Neste capítulo nosso objetivo é dar um tratamento ao tema trazendo um estudo de caso, a fim de verificar a manifestação do fenômeno estudado em um texto produzido nos primórdios da língua. Para tanto, delimitamos um conjunto de versos do poema *Mio Cid*, famoso por ter sido o primeiro poema heroico de que se tem registro da literatura espanhola, cujo conteúdo se estende por aproximadamente 3.733 versos, além de ser o único canto épico da Idade Média hispânica. Seu autor é anônimo e conta a história de Rodrigo Díaz de Vivar (1043 - 1099), uma figura histórica da época.

Como o poema é realmente extenso, me deterei somente a ilustrar alguns casos, considerando até o verso 300 do poema *Mio Cid*. Além disso, por ser um dos primeiros registros da língua espanhola, será interessante considerar que a língua utilizada contém alguns traços do antigo latim vulgar. Sendo assim, para facilitar a compreensão, será disponibilizada a versão atualizada de cada dado para o castelhano moderno (obtida no link: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/200138.pdf>).

Nesta obra percebemos que a marcação pela preposição *a* dos termos que designam pessoas na posição de objeto direto já eram feitas. Como no verso que segue:

(91) *Veré a la mugier a todo mio solaz.*(228-b).

(Voy a ver a mi mujer, que es todo mi solaz)

Tal marcação, como já vimos anteriormente, pode ser constatada em sintagmas nominais em que ocorre o uso de nomes próprios e em contextos em que ocorre o uso de pronomes

persoais e seus subtipos, como pronomes possessivos, pronomes relativos, entre outros casos que já analisamos.

Certos termos dotados de uma determinação ou delimitação que estão nestas primeiras amostras da língua romance, conservam uma persistência absoluta na aparição de *a*, principalmente com os pronomes pessoais tônicos.

A seguir vemos então um primeiro exemplo desse caso. A preposição *a* sendo usada anteposta ao pronome pessoal e ao pronome possessivo:

(92) *A ella e a sus fijas e a sus dueña*

(A ella y a sus hijas y a sus dueñas cuidadlas este año).

Ainda com relação aos nomes próprios, percebemos que, em alguns casos, independentemente da colocação do verbo, sendo ele anteposto ou posposto ao objeto, é fato que estes são sempre marcados. Uma coisa interessante foi ver que, em situações em que o verbo é anteposto, existe sempre uma reduplicação pronominal, processo este presente até hoje no idioma, que, sem dúvida, auxilia na presença da preposição:

(93) *A Mio Çid y a los suyos abastales de pan y de vino. (65)*

(A Mio Cid y a los suyos les suministró pan y vino).

Outros termos, apesar de não possuírem tal determinação, recebem também a preposição. O uso do artigo definido, nesse caso, interage com a interpretação relacional (relação de parentesco), que se estabelece entre o narrador e o sintagma nominal ‘mulher’. Acreditamos que o mecanismo de determinação adotado pelo autor no exemplo que segue é reforçado pela reiteração do objeto, utilizando-se de um pronome pessoal átono que ocorre junto ao verbo:

(93) *A las sus hijas en brazo las prendia. (275)*

(A las sus hijas en brazos las prendía).

Analisando os dados do ponto de vista dos verbos, podemos dividir os achados deste pequeno mostruário em dois grupos:

- a) Alguns verbos mesmo sendo de uso dativo, apareciam com a presença da preposição, talvez este uso se deva ao fato de o complemento estar em estrutura de coordenação, onde somente o segundo termo aparece introduzido pela preposição. No entanto, na presença de pronomes átonos na terceira pessoa, percebemos que havia alternância entre o uso de acusativo e dativo:

(94) *Çiento omnes le dio mio sus hijas e a sus dueñas sirvádeslas este año. (254)*

(A ella y a sus hijas y a sus dueñas cuidadlas este año).

- b) Outro grupo que identificamos é o dos verbos cujo significado permite a seleção de um complemento animado ou inanimado. Supomos que essa situação favorece o uso da preposição *a*, quando o complemento é inanimado. É o caso do verbo *recibir* do exemplo que segue, em que o complemento é reduplicado pelo pronome átono:

(95) *Con tan gran gozo le reçiben al que en buen hora nasco.(245)*

(Con tan gran gozo le reciben al nacido con buen hado).

Outra verificação que pudemos fazer nestas primeiras escrituras foi a ocorrência da marcação do objeto direto em estrutura comparativa. Nesse caso, o uso da preposição *a* está associado a uma estrutura com o verbo elíptico. Portanto, a marcação está associada à ausência do verbo regente. Interessante mencionar também que este exemplo que segue é o único caso de marcação do objeto direto em estrutura comparativa, de resto, o poema só nos

traz casos de marcação do complemento realizado por nomes próprios de objetos, animais e lugar:

(96) *Como a la mi alma yo tanto vos quería. (279)*

(Tanto como a mi alma yo os quería).

Por fim, pudemos perceber que ocorriam variações entre o uso e o não uso da preposição em alguns casos que, futuramente, já seriam mais bem classificados. É interessante notar que é possível verificar uma estruturação de termos que seguirão sendo preposicionados, como os nomes próprios, alguns pronomes, principalmente possessivos e de alguns elementos que recebem certa personificação, como o cavalo de Cid, que, em versos mais à frente será sempre mencionado com a presença da preposição *a*.

5. CONCLUSÃO

Concluimos este trabalho retomando os objetivos que nos fizeram iniciar este questionamento. Em particular, buscamos sistematizar os casos de marcação do complemento direto pela preposição *a*, reconhecendo que se trata de um fenômeno de ampla manifestação na língua espanhola. Nossa problematização era, portanto, no sentido de verificar, na literatura gramatical, as propriedades citadas recorrentemente, e também de que forma os autores desenvolveram o entendimento do fenômeno. Assim, tentamos trazer alguns conceitos que pudessem abranger ao máximo todos os processos que envolvem o tema, a fim de reunir um apanhado geral sobre como o fenômeno ocorre na língua.

Foi interessante perceber que existem elementos na estrutura da oração que influenciam de forma decisiva na ausência ou presença da preposição marcadora do complemento direto. Entre os fatores observados, verificamos que essa marcação está associada ao tipo complemento, se é um sintagma nominal pleno ou um pronome. No primeiro caso, é relevante a determinação do nome. Entre os pronomes, há que observar o tipo de pronome, se são pronomes pessoais, pronomes relativos, pronomes possessivos, pronomes indefinidos. Verificamos também que a presença de modificadores do nome, como adjetivos específicos, pode alterar esse uso.

Sem dúvida, como o leitor pode perceber, a evolução dos estudos gramaticais ao longo dos anos pode trazer ainda mais especificações e variações, que acreditamos seguirão trabalhadas futuramente. Como se trata de estudos descritivos, não encontramos nos estudos como um todo a preocupação em enfatizar um pouco mais em relação ao motivo de, em certas situações, não haver variação, isto é, em alguns casos percebemos que os estudos se limitam a indicar que em uma dada situação se marca o objeto direto com a preposição e em outra não,

mas não é apontado o motivo para que a situação contrária não pudesse suceder ou no que implicaria se houvesse a situação contrária.

Acreditamos ter aprendido muito com este trabalho, pois pudemos perceber que as possibilidades de variação e os casos de marcação do objeto pela preposição são infindáveis se tomarmos por referência a observação de Bello, segundo a qual há como colocar limite na imaginação do que fala ou se escreve, já que o que se tem é um momento de comunicação único, e o contexto semântico traz uma verdadeira carga de significados que devem ser levados em consideração quando estamos analisando determinado uso. Assim, os questionamentos que surgem são sempre maiores.

Deixamos os questionamentos em relação às propriedades morfossintáticas, que incluem o papel das categorias envolvidas, da transitividade do verbo, das estruturas de coordenação, de comparação, da modificação por adjetivos, bem como da coordenação para pesquisa futura.

6. REFERÊNCIAS

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Madri: Espasa-Calpe, 2 Vol., 22.^a ed., 2001. Versión electrónica: <http://buscon.rae.es/draeI/> .

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario Panhispánico de dudas*. Madri: Santillana, 2005. <http://buscon.rae.es/dpdI/>

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA *Nueva gramática de la lengua española*, Madri: Espasa Libros, 2009.

BELLO, ANDRÉS. *Gramática: gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Caracas, la casa de bello, 1995.

METZELTIN, M.: *Semántica, pragmática y sintaxis del español*.Wilhelmsfeld: Egert, 1990, 42-46.

GARCIA-LUENGOS, GERMAN.*El Objeto directo con «a» en el «Poema de Mío Cid»*. (EnCastilla, I, Valladolid, 1980).

BOSQUE, I. y DEMONTE, V. (eds.) *Gramática descriptiva de la lengua española* (3 vols.), Madri: Espasa Calpe 1999.

LINK: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/200138.pdf>

LINK: <http://mgarci.aas.duke.edu/cibertextos/MIO-CID/MODERNO/DESTIERRO.HTM>